

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

CAMILA FERREIRA RODRIGUES

“O HOMEM FAZ A CIDADE, A CIDADE FAZ O HOMEM”: RELAÇÕES ENTRE O
ESPAÇO FICCIONAL DE *SATOLEP* E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE
SELBOR

**Jaguarão
2018**

CAMILA FERREIRA RODRIGUES

**“O HOMEM FAZ A CIDADE, A CIDADE FAZ O HOMEM”:
RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO FICCIONAL DE SATOLEP E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SELBOR**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras, da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciada em Letras português e espanhol

Orientador: Geice Peres Nunes

**Jaguarão
2018**

CAMILA FERREIRA RODRIGUES

"O HOMEM FAZ A CIDADE, A CIDADE FAZ O HOMEM": RELAÇÕES ENTRE O ESPAÇO FICCIONAL DE SATOLEP E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DE SELBOR


Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Bacharel em Letras português e espanhol

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 09 de julho de 2018.

Banca examinadora:



Profa. Dra. Geice Peres Nunes
Orientador
UNIPAMPA



Prof. Dr. Carlos Garcia Rizzon
UNIPAMPA



Prof. Dr. Luis Fernando da Rosa Marozo
UNIPAMPA

AGRADECIMENTO

Eu gostaria de agradecer a todos que, de uma forma ou outra, contribuíram em minha jornada acadêmica.

A cada professor, pelos aprendizados e pelo conhecimento transmitido. A cada mestre, que ama o que faz, e que passa bem mais que conhecimento. Àqueles que disseram que eu não estava pronta para avançar algum degrau, pois estes foram de suma importância no processo de formação.

Aos colegas, que no contato diário, me ensinaram tanta coisa. Aos verdadeiros amigos que a universidade me proporcionou encontrar.

Aos meus filhos, pela força que me transmitem. Ao João Pedro, que teve a mãe grande parte da sua infância na universidade, quando as brincadeiras muitas vezes tiveram que esperar outro momento. Ao Miguel, que gerou em mim uma força e vontade de seguir em frente.

Ao meu marido, por cada abraço nos momentos difíceis.

Aos meus pais, que com suas mãos sempre conduziram meus passos, para quem o desejo de me ver formada foi o que muitas vezes fez eu não desistir.

Em especial, quero agradecer à professora Geice Peres, minha orientadora de estágio e de TCC, que fez sempre muito além de seu papel de professora, que foi uma verdadeira mestra e que levarei para sempre em minha jornada. Ela foi amiga, acreditou em mim e, principalmente, fez-me acreditar. Juntas, provamos a essência da expressão “Nascer leva tempo”.

Grata.

“Nascer leva tempo.”

Vitor Ramil

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso, intitulado “‘O homem faz a cidade, a cidade faz o homem’: Relações entre o espaço ficcional de *Satolep*’ e a construção da identidade de Selbor”, tem como objeto de estudo o romance *Satolep* (2008), de Vitor Ramil. Nele, apresentamos uma análise baseada em dois elementos da narrativa, o espaço e a personagem, destacando como o espaço influencia na formação da identidade da personagem. O narrador personagem Selbor retorna a sua cidade de origem tentando identificar-se com esse espaço, com o clima e a cultura. O processo de reconhecimento se dá no contato com os amigos, que se tornam mentores nessa redescoberta, na qual cada detalhe passa a ser visto com um novo olhar. Em sua elaboração, fazemos uso do seguinte aporte teórico: Stuart Hall, que nos ajuda a analisar a construção da identidade do personagem; Gaston Bachelard, Luís Alberto Brandão Santos e Simone Pessôa de Oliveira, que contribuem com suas teorias filosóficas e literárias acerca do espaço; Carlos Reis e Ana Cristina Lopes, cujas teorias sobre a personagem são fundamentais para essa escrita. Também fazemos uso do aporte crítico de Luciana Urbim, Luis Rubira, Luciana Rassier, entre outras leituras que contribuem para o desenvolvimento deste trabalho.

Palavras-chave: Personagem; Espaço; Identidade

RESUMEN

Este trabajo de conclusión de curso, titulado “‘O homem faz a cidade, a cidade faz o homem’: Relações entre o espaço ficcional de *Satolep*”, tiene como objeto de estudio la novela *Satolep* (2008), de Vitor Ramil. Aquí presentamos un análisis basado en dos elementos de la narrativa, el espacio y el personaje, destacando como el espacio influye en la formación de la identidad del personaje. El narrador personaje Selbor vuelve a su ciudad de origen intentando identificarse con ese espacio, con el clima y la cultura. El proceso de reconocimiento se da en el contacto con los amigos, que se convierten en mentores en esa redescubierta, en la cual cada detalle pasa a ser visto con una nueva mirada. En la elaboración, hacemos uso del siguiente aporte teórico: Stuart Hall, que nos ayuda a analizar la construcción de la identidad del personaje; Gaston Bachelard, Luís Alberto Brandão Santos y Simone Pessôa de Oliveira, que contribuyen con sus teorías filosóficas y literarias acerca del espacio; Carlos Reis y Ana Cristina Lopes, cuyas teorías sobre el personaje son fundamentales para la escrita. También hacemos uso del aporte crítico de Luciana Urbim, Luis Rubira, Luciana Rasier, entre otras lecturas que contribuyen para el desarrollo de este trabajo.

Palabras clave: Personaje; Espacio; Identidad

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 “Um mosaico se faz enquanto é feito”: a personagem e o espaço	13
2 “A cidade faz o homem”: o espaço formador da identidade	20
2.1 O espaço da casa e a personagem	22
2.2 Satolep em imagens: interrelações entre Selbor e o espaço urbano fotografado.....	24
2.3 “Cada finalização é um começo”: Percorrer <i>Satolep</i> e voltar ao ponto de partida	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	36

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1.....	26
FIGURA 2.....	28
FIGURA 3.....	29
FIGURA 4.....	30

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da leitura de *Satolep* (2008), na disciplina de Literatura Latino-Americana, ministrada pela professora Geice Peres Nunes, na Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão. O encantamento pela obra de Vitor Ramil deu-se logo nas primeiras páginas do livro, quando a narrativa do autor literalmente nos ensina a ver, quando a voz narrativa leva o leitor a lugares já conhecidos da cidade real de Pelotas, porém faz com que o leitor perceba, sinta esse lugar de forma diferente. Por outro lado, aos que não conhecem a cidade real, as palavras do narrador, também as imagens que o romance apresenta, certamente estimulam a imaginação sobre a cidade.

A turma que cursava esta disciplina, no ano de 2015, teve o privilégio de realizar uma saída de campo à cidade de Pelotas e, tentar aí, emaranhar-se nas ruas e no clima de “Satolep”. Esta, sem dúvida, foi uma experiência única, que permitiu percorrer caminhos tão conhecidos, porém “novos”, pois não fomos para a Pelotas real, e, sim, para a cidade ficcional Satolep, como diz Ramil em uma das suas canções, fomos “conhecer a cidade magnífica/ velha cidade supernova”¹ (RAMIL, 2007).

Satolep é um romance escrito pelo músico e escritor gaúcho Vitor Ramil (1962), publicado em 2008, pela editora Cosac Naify. O autor explica em seus escritos, documentários e entrevistas que esse termo é um anagrama da cidade de Pelotas, que foi utilizado pela primeira vez em brincadeiras de criança, nas quais ele e seus irmãos soletravam as palavras ao contrário. Na sua obra, o termo aparece na canção *Satolep*², cuja letra é uma representação musical do espaço que acolhe o autor e sua família, como os seguintes trechos evidenciam:

Sinto hoje em Satolep
O que há muito não sentia
O limiar da verdade
Roçando na face nua
As coisas não têm segredo
No corredor dessa nossa casa

¹ Astronauta Lírico, Vitor Ramil e Marcos Suzano, música integrante do álbum *Satolep Sambatown*, 2007.

²Satolep, Vitor Ramil, música integrante do álbum *A Paixão de V Segundo Ele Próprio*, 1984.

[...]
Eu existo em Satolep
E nela serei pra sempre
O nome de cada pedra
E as luzes perdidas na neblina
Quem viver verá que estou ali. (RAMIL, 1984).

Essa informação sobre o termo Satolep é bastante difundida e, na obra de Vitor Ramil, encontra-se em *A estética do frio* (2004), na crítica, em *Nascer leva tempo*, de Luís Rubira (2015), entre outros. Assim, vemos que Satolep, a cidade ficcional, está representada na produção artística de Vitor Ramil, em letras de música e em narrativas literárias, assim como em sua escrita ensaística.

Em algumas produções do autor, como o ensaio, o romance e também a música, evidencia-se um misto de fuga, de afeição e de sentimento de pertença pelo lugar de origem, *Pelotas ou Satolep: o apreço do músico e autor pela cidade real onde o artista Vitor Ramil percebe a sua existência - em Pelotas, no Sul; a ida e a volta para a cidade ficcional Satolep, onde o protagonista Selbor se reconhece ou aprende a se reconhecer.*

A leitura do ensaio, do romance, bem como cantarolar as letras das canções tornam impossível estudar mais a fundo a obra de Vitor Ramil, sem associá-la a sua vida real. Em várias passagens do texto, podemos perceber que a formação da identidade da personagem ficcional Selbor tem muita relação com a formação da identidade do artista Vitor Ramil. De um lado temos o autor, o artista, que busca sua identidade, que compõe essa busca, que cria uma estética, a fim de representar quem é, ou quem somos nós, os gaúchos (RAMIL, 2004 p.13); de outro lado o protagonista, criado por esse artista, que persegue essa busca de saber quem é, essa busca de tentar se definir, e que aos poucos vai se delineando, através desse espaço.

Este trabalho intitulado “O homem faz a cidade, a cidade faz o homem’: relações entre o espaço ficcional de Satolep e a construção da identidade de Selbor”, tem a intenção de mostrar como a personagem se forma e é formada através do espaço. Para evidenciar tal hipótese, recorreremos às teorias sociológicas sobre o conceito de identidade, de Stuart Hall; às teorias literárias da personagem e do espaço, de Reis e Lopes e de Santos e Oliveira, respectivamente; fazemos uso das análises de Luciana Rassier, Luciana Pastorini Urbim, Luís Rubira, entre outros pesquisadores. Como base fundamental, utilizamos diversas produções de Vitor

Ramil, entre elas o romance em estudo, o ensaio *A Estética do frio*, algumas músicas, entrevistas, pois para bem compreender o romance que analisamos, devemos olhar para um todo, já que suas produções se comunicam entre si.

Nosso estudo foi dividido da seguinte forma, primeiramente desenvolvemos o capítulo intitulado “Um mosaico se faz enquanto é feito”: a personagem e o espaço. Nesse primeiro momento, vamos falar sobre como a presença de Selbor no espaço Satolep passa a repercutir na formação de sua identidade. Nele, desenvolvemos também a relação do ficcional com o real, o autor Vitor Ramil e a cidade de Pelotas.

O segundo capítulo, “A cidade faz o homem”: o espaço formador da identidade, discorre sobre a cidade, sua geografia, arquitetura, o clima e as conexões que podemos estabelecer com a personagem, como também suas relações sociais. Esse capítulo está subdividido: Em segmentos “O espaço da casa e a personagem” apontamos como o espaço reduzido que é a casa observada pela ótica de Bachelard (2008, p.34), que afirma: “para além das lembranças, a casa natal está fisicamente inserida em nós”. Isso contribui grandemente para a construção de Selbor, personagem que carrega sua casa da infância na memória e que, a partir da arquitetura da casa, aprende a ver os caminhos da vida. Outra subdivisão, “Satolep em imagens: interrelações entre Selbor e o espaço urbano fotografado”, mostra a forma como o romance é organizado, tornando assim as imagens tão importantes quanto as palavras escritas. Por último, em “Cada finalização é um começo’: Percorrer Satolep e voltar ao ponto de partida”, procuramos dar sentido à estrutura do romance, ao movimento circular da narrativa, e apresentamos a nossa leitura pessoal da obra. Por fim, apresentamos nossas considerações finais.

1 “Um mosaico se faz enquanto é feito”: a personagem e o espaço

Nesta primeira seção, analisamos a relação do espaço com a construção identitária de Selbor, narrador e personagem representada no romance *Satolep*.

Usamos o conceito de identidade a partir de Stuart Hall (2011, p. 12) e destacamos fragmentos de sua concepção sociológica na qual defende que o referido conceito “preenche o espaço entre o ‘interior’ e o ‘exterior’ - entre o mundo pessoal e o público”. Hall destaca “o fato de que projetamos a ‘nós próprios’ nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os ‘parte de nós’”. Nesse sentido, o conceito de identidade “contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”. Por essas razões, o sociólogo defende que “a identidade ‘costura’ [...] o sujeito à estrutura”, estabilizando “tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis” (2011, p. 12).

Ainda conforme Hall,

dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda história sobre nós mesmos ou uma confortada “narrativa do eu” (HALL, 2011, p. 13).

As ideias desenvolvidas nos parágrafos acima se fazem importantes no momento em que conseguimos compreender a busca incessante de Selbor e sua relação com o espaço que torna a habitar. Selbor tem uma relação estreita com *Satolep*, de forma que ambos chegam a ser confundidos, no decorrer da trama e podemos perceber que as mesmas características atribuídas ao espaço, passam a definir o protagonista, esse homem imerso em uma névoa, uma neblina difícil de se dissipar, assim como a cidade.

O ponto de partida desse romance se dá quando o narrador-protagonista em 1ª pessoa, o fotógrafo Selbor, percebe-se longe de sua cidade de origem, afastamento esse que ele sempre desejou. Porém, prestes a completar trinta anos, sente que não pertence ao lugar onde está, “o Norte”, e esse misto de sensação de

desconforto e de incertezas lhe faz voltar para Satolep. Ele retorna a sua cidade de origem buscando reconhecer-se pertencente a algum lugar, com expectativa de que esse lugar seja Satolep, como afirma Urbim em sua análise:

Pode-se dizer que a volta à cidade de Satolep representa, para Selbor, o retorno à sua base, à mãe que ficara para trás, que o gerou e o lançou ao mundo. Voltar a ela é como ir à procura de suas raízes, de sua gente e daqueles que falam a sua língua. Mais do que perseguir sua identidade originária, o processo de volta o faz simular um retorno ao seu estado embrionário como indivíduo, representando, logo, uma revivência de seu próprio nascimento, amparado e protegido pelo zelo da figura materna, no caso, simbolizada pela cidade. (URBIM, 2013, p.81).

Em muitas passagens, o biográfico e o ficcional se confundem. Assim, o retorno da personagem faz lembrar o retorno vivido pelo escritor, já narrado em *A Estética do Frio*, e aponta para um processo de descoberta de si mesmo, de reencontro, que se dá na vida de Vitor Ramil, e, ficcionalmente, também na narrativa de Selbor.

O ensaio *Estética do Frio* (2004) e o romance *Satolep*, em muitos momentos, parecem tratar da mesma experiência. Assim como no romance, no ensaio *A Estética do Frio*, Vitor Ramil relata que nasceu mais ao sul de Porto Alegre, na cidade de Pelotas, que, conforme apontamos, em suas obras artísticas aparece em anagrama, Satolep. No ensaio, Ramil narra a sua mudança para o Rio de Janeiro, cidade onde viveu por cinco anos, onde, diferente do Sul, o clima apresenta mudanças discretas entre as estações. Embora vivendo sob outra geografia, mesmo com a predominância do calor, o escritor não deixou de lado seus hábitos do frio, como o chimarrão, hábitos esses que se constituem como uma marca identitária cultural.

Vitor Ramil narra de certa vez, no mês de junho, mês que inicia o inverno no Brasil, tomando seu chimarrão, assistir ao jornal na televisão que passava para todo país. Uma reportagem exibiu a cena de um carnaval fora de época, que acontecia no Nordeste, e mostrava milhares de pessoas seminuas, suando sob um sol forte: “Embora eu estivesse igualmente seminua e suando por causa do calor, não podia me imaginar atrás daquele caminhão como aquela gente, não me sentia motivado pelo espírito daquela festa” (RAMIL, 2004, p. 9). Logo em seguida, o mesmo jornal mostrou a chegada do frio no Sul, campos cobertos pela geada, homens de poncho andando de bicicleta, águas congeladas, um chimarrão fumegando, “seminua e

suando, reconheci imediatamente o lugar como meu, e desejei estar não em Copacabana, mas num avião rumo a Porto Alegre” (RAMIL, 2004, p.10).

Nas aproximações entre ensaio e narrativa, podemos perceber que não só não pertencer, o protagonista Selbor evita se integrar a um espaço cuja geografia, o clima e a cultura destoam do seu ponto de origem, “o Sul”, como é nomeado na narrativa, ou seja, não encontra a identificação cultural capaz de lhe proporcionar a sintonia com este espaço: “Agora, era junho outra vez, mas eu evitava o calor do sol como uma lesma evita o sal derramado em seu caminho” (RAMIL, 2008, p.10). Assim, num movimento semelhante, Selbor e Vitor Ramil deixaram o Norte e retornaram ao Sul. Selbor havia deixado Satolep há alguns anos, motivado pelo desejo de se encontrar: “Há muitos anos eu deixara a terra da minha primeira camisa para trás e saíra em busca do sol. Buscara-o longe de Satolep, encontrara-o em toda parte [...]” (RAMIL, 2008, p. 9-10). No trecho, vemos que a personagem descreve o desejo de sair em busca do sol, metaforicamente, deixará Satolep por um mundo a conhecer. Depois de passar por muitos lugares, de tentar fugir da sua cidade de origem, a personagem ainda se sentia perdida, em uma busca incessante de si, e resolveu voltar: “Eu me perguntava pelas estações do Sul, por minhas próprias estações” (RAMIL, 2008, p. 11). Vemos, assim, que Selbor saiu pelo mundo em busca de si, tentando encontrar respostas que lhe pareciam inexistir em Satolep. E, depois de muito andar, de habitar várias “casas de muitas cidades e países”, já não recordava nem mais o nome do lugar onde estava: “só sabia que minha casa ficava no Norte” (RAMIL, 2008, p.14). A leitura que fazemos é de que não se sai em busca, não se foge de algo que está dentro de nós. Na circularidade desse movimento, apenas um dentre tantos presentes no romance e que exploraremos ao longo de nossa análise, Selbor parecia querer se encontrar; e foi por esse motivo que saiu de Satolep e, anos depois, regressou a Satolep e sem perceber, já tinha sido encontrado por aquela cidade fria e úmida, que representava tão bem o seu ser mais íntimo, assim como seus mais profundos sentimentos, como afirma Urbim:

[...] o papel da cidade, surge como caminho fundamental no processo de “buscar-se”. O trânsito pela urbe revela-se o movimento do indivíduo na luta pela identidade, através da procura por seu próprio olhar sobre o mundo. (URBIM, 2013, p.21).

Notamos, com base nos trechos apresentados, que há duas subjetividades diferentes, uma da personagem e a outra do autor. Entretanto as duas se encontram no momento em que o ficcional e o real se cruzam, e os dois sujeitos se sentem não pertencentes ao espaço em que estão, Selbor no Norte, e Vitor Ramil no Rio de Janeiro, dois lugares que apresentam clima e cultura diferentes do Sul, provocando a sensação de desarmonia, tanto do homem real, quanto da personagem fictícia:

O mundo me queimava. Há quanto tempo eu estava naquela cidade? Como era mesmo seu nome? Cessado o calor, veria folhas secas cobrirem a calçada? Veria depois um vento gelado varrê-la e depois flores renascem nos canteiros e depois o sol voltar na justa medida da falta que eu sentiria dele? Eu me perguntava pelas estações do Sul, por minhas próprias estações. (RAMIL, 2008, p.11).

Nas primeiras páginas do romance, no retorno para casa, ainda na viagem de trem, o protagonista é inserido no processo de identificação com o espaço. Nesse momento, tem o primeiro contato com uma das pessoas que vai lhe “ensinar a ver” Satolep, o Cubano, uma representação ou alusão ao escritor latino-americano Alejo Carpentier: “sou Cubano e vivo em Madri” (RAMIL, 2008, p. 21). Um dos motivos para fazermos tal afirmação procede da leitura do artigo “Satolep em um espelhamento da comarca pampiana” (2017), de Geice Peres Nunes, que propõe uma aproximação do movimento do protagonista Selbor com um dos personagens de Alejo Carpentier em uma das suas produções mais reconhecidas *Concierto Barroco* (1974). O denominado “Amo” ou “Indiano”. A novela traz esse protagonista em deslocamento, em busca de se sentir pertencente, com enfrentamentos identitários ao longo de seu percurso, da mesma forma que Selbor (NUNES, 2017, p. 4, não publicado). Em *Satolep*, a presença de Carpentier toma forma na personagem denominada Cubano, cuja frase dita por ele fica, então, gravada na memória do fotógrafo: “O frio geometriza as coisas.” (RAMIL, 2008, p. 20). Essa parece constituir a metáfora da organização que Selbor persegue, como se estar no frio Sul outra vez, tivesse a capacidade de colocá-lo no lugar certo. Nessa breve conversa, Selbor percebe a influência do Cubano na (re)descoberta da sua cidade: “O cubano, sem imaginar a presença daquela arquitetura em mim, descrevia tudo com entusiasmo” (RAMIL, 2008, p. 26).

No desenvolvimento das ações do protagonista, notamos como o contato dos amigos que faz no retorno a Satolep possibilita que o narrador-personagem aprenda

a ver a cidade com olhos mais sensíveis: “com o olhar intenso e amoroso do João Simões” (RAMIL, 2008, p. 75); com o olhar atento ao belo do Cubano, autor de frases com uma carga poética inegável, “a natureza que acabamos de percorrer de trem são as tintas indóceis na chapa oleosa. Satolep é magia” (2008, p. 26); com a reflexão existencial aliada à poesia musical destacada pelo vizinho Compositor, “quando eu quis compor a partir dos contos, comecei por não racionalizar demais. Deixei que a música se impusesse naturalmente...” (2008, p. 83). É nesse contato, através dessas relações sociais que a cidade começa a se revelar para a personagem, ou faz com que ela se revele, se descubra pertencente a este espaço. Como aponta Urbim, é no retorno que Selbor parece “encontrar seus iguais, ou ao menos algumas pessoas que compartilham com ele semelhante ‘olhar’ sobre o mundo, sobre a arte, sobre o indivíduo e, em especial, sobre Satolep” (URBIM, 2013, p. 58).

Desse modo, os amigos possibilitam que Selbor se sinta integrado a cidade. Cada um deles tem uma ocupação diferente, mas todos eles de alguma maneira estão ligados às artes.

O Cubano, um viajante e observador atento da arquitetura da cidade, dedica-se à elaboração de objetos artísticos com a técnica do mosaico. É ele que presenteia Selbor com uma placa indicando seu nome e profissão para ser afixada no momento em que encontrasse sua moradia definitiva, motivando-o a estabelecer-se na cidade. Além dessa questão, é o Cubano que ajuda Selbor a ver de forma positiva o retorno a Satolep e a se reconhecer pertencente e identificado com o espaço, evidenciando um ponto de vista semelhante ao de João Simões: “às vezes o lugar onde queremos chegar fica exatamente onde estamos, mas precisamos dar uma longa volta para encontrá-lo”. (RAMIL, 2008, p.50)

João Simões, apresentado como um sujeito que vivenciou a sua infância no campo e vivendo na cidade, traz este universo para sua escrita literária em forma de contos, como “Negrinho do pastoreio” que é citado em várias passagens da narrativa, e também o narrador Blau Nunes, João Simões afirma que são os “caminhos de pedra de Satolep que lhe conduziram para “projeção do campo de sua meninice”(RAMIL, 2008, p.57). Como um sábio esse amigo abre os olhos, fazendo ele perceber a beleza dessa cidade “Somos preliminarmente ignorantes das nossas coisas e pejorativamente descuidosos de conhecê-las, para amá-la” (RAMIL, 2008, p. 54). Com essa frase percebemos como precisamos nos afastar de um lugar para

pode-lo realmente valorizá-lo enquanto espaço identitário. Por isso, afirmamos que esse é o processo vivido por Selbor, pois ele precisou sair de Satolep para reconhecer a importância desse lugar na construção da sua identidade.

O Compositor, personagem sem nome definido que, através da sua música, estimula a introspecção de Selbor, proporciona também a trilha sonora que une as diferentes artes: a arquitetura apreciada pelo Cubano, o espaço do pampa representado na literatura de João Simões e a semelhança desse relevo com a milonga do compositor. É no conjunto dessas vivências que Selbor redescobre uma possível harmonia com Satolep.

Para analisar Selbor, recorremos a Reis e Lopes (2007, p. 314), que apontam a personagem como uma importante categoria da narrativa. Ao aprofundar esse elemento estrutural, os autores teorizam as tipologias desses seres representados em um texto em prosa e definem a personagem redonda que, conforme suas palavras:

A personagem redonda se reveste da complexidade suficiente para constituir uma personagem bem vinculada. Trata-se, nesse caso, de uma entidade que quase sempre beneficia do relevo que a sua peculiaridade justifica: sendo normalmente uma figura de destaque no universo diegético, a personagem redonda é, ao mesmo tempo, submetida a uma caracterização relativamente elaborada e não definitiva. A condição de imprevisibilidade própria da personagem redonda, a revelação gradual dos seus traumas, vacilações e obsessões, constituem os principais factores determinantes da sua configuração; como observa E.M. Forster, “o modo de pôr a prova uma personagem redonda consiste em saber se ela é capaz de surpreender de uma forma convincente” (FOSTER apud REIS e LOPES, 2007, p. 323).

A construção psicológica de Selbor é uma evidência de que estamos, nessa narrativa, tratando de uma personagem redonda. Selbor, no decorrer da narrativa, expõe seus “traumas” e “obsessões” ao leitor e, também como observa Foster, esta é uma personagem capaz de surpreender ao longo do romance. Com base nisso, afirmamos que a personagem Selbor surpreende o leitor desde as primeiras até as últimas páginas do romance, quando este percebe que o protagonista está tendo sua sanidade mental avaliada por uma equipe médica, o que faz com que muitos dos críticos defendam que uma das possíveis leituras do romance possibilite interpretar Selbor como um louco.

Na narrativa em primeira pessoa, a fala de Selbor, à primeira vista, engana o leitor, pois seu discurso parece propor um diálogo com quem folheia as páginas do

livro, “os senhores” (2008, p. 16). No entanto, é na leitura atenta do romance que se percebe que, na realidade, o narrador-protagonista está se dirigindo aos médicos de uma clínica psiquiátrica, seus reais interlocutores.

Em nossa perspectiva, a questão é profunda e difícil de definir. Na nossa leitura, com base em Hall, ainda ressaltamos que a existência de uma “identidade unificada” é apenas “uma cômoda história sobre nós”. Por essa razão, Selbor está longe de ser um homem definível, até por ele próprio, já que “a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia” (HALL, 2011, p.13).

Pensamos que defini-lo como um louco é um tanto limitador, ainda que uma hipótese aceitável na leitura da obra, pois certos episódios de sua vida conduzem para essa possibilidade, como também aponta Rassier (2008, p.200). Acreditamos que Selbor é um sujeito em construção, e que seu retorno ao Sul, o movimento realizado pela personagem ao longo da narrativa, colabora para que, assim como um mosaico, ele tome sua forma, encontre seu lugar.

2 “A cidade faz o homem”: o espaço formador da identidade

Neste estudo, o espaço é uma das mais relevantes categorias de análise, porque nomeia a obra e, também, porque através dele a personagem redescobre o seu lugar no mundo e busca assim formar a sua identidade. Aqui, faremos algumas discussões sobre a relação entre o espaço Satolep e as situações que ajudam a compor a identidade de Selbor. Para isso, repassamos aspectos teóricos sobre o espaço como categoria narrativa e nos valemos da crítica de estudiosos sobre alguns aspectos constitutivos da personagem do referido romance.

De acordo com Santos e Oliveira

É impossível ser sem estar? De maneira geral, quando concebemos um determinado ente -, criamos uma série de referências com as quais ele se relaciona de algum modo. Ou seja: imaginamos uma forma de situá-lo, atribuímos ao ser um certo estar. Ao realizarmos tal operação, estamos produzindo um espaço para o ser. Poderíamos dizer, em uma definição bastante genérica, que o espaço é esse conjunto de indicações-concretas ou abstratas- que constitui um sistema variável de relações.

Assim sendo, se criamos uma personagem ficcional, vamos posicioná-la relativamente a outros elementos de nosso texto. Podemos situá-la fisicamente (criamos um espaço geográfico), temporalmente (definimos um espaço histórico), em relação a outras personagens (determinamos um espaço social), em relação às suas próprias características existenciais (concebemos um espaço psicológico), em relação a forma como esse personagem é expressa se expressa (geramos um espaço de linguagem), e assim por diante.

O espaço da personagem em nossa narrativa seria, desse modo, um quadro de posicionamentos relativos, um quadro de coordenadas que erigem a identidade do ser exatamente como identidade relacional: o ser é porque se relaciona, a personagem existe porque ocupa espaços na narrativa. Percebemos a individualidade de um ente a medida que o percebemos em contraste com aquilo que se diferencia dele, a medida que o localizamos. Só compreendemos que algo é ao descobrirmos onde, quando, como - ou seja: em relação a quê - esse algo está. (2001, p. 67-68).

Considerando o longo trecho citado, neste trabalho retomamos aspectos relacionados ao espaço ficcional de Satolep e sua repercussão na personagem Selbor. Para isso, é fundamental destacar que o espaço está representado de diferentes formas na narrativa: por fotografias que exibem imagem de lugares da cidade e seus espaços urbanos (livraria; biblioteca; café; caixa d'água; etc.); pela casa da personagem, um cenário íntimo, cuja descrição é feita minuciosamente por Selbor, por João Simões, pelo Compositor, pessoas que reagem ao espaço da casa, que se encantam e se reconhecem nos ladrilhos e em suas formas detalhadas, que

contribuem para a formação de identidade do protagonista, ajudando ele a perceber a importância, a beleza daquele espaço, que aos poucos faz com que a sua vida tome forma, ou se geometrize.

Nesse espaço social, nesse círculo de amizade, vários são os cenários que fazem com que a personagem se reconheça pertencente a Satolep: nas relações com o(s) outro(s) e no andar sem destino pelas ruas; nas escaiolas que representam os caminhos inusitados da vida; na geografia da cidade, com as sensações do frio, da umidade, da cerração, do nevoeiro, dos "rios simétricos", na casa abandonada, no campo, por fim, no espaço comparado à milonga. Essa espacialização de Satolep aparece descrita no trecho:

A névoa que eu vira rasteira pelos campos começava a emanar do fundo das ruas, por todos os lados, simultaneamente. Satolep inteira era a emanção de um imenso banhado. “É hora de suas almas saírem a passear”, dizia o Cubano, ao me mostrar como as pessoas eram, aos poucos, envolvidas pela cerração. (RAMIL, 2008. p.28).

De acordo com o *Dicionário de Símbolos*, nevoeiro pode simbolizar “o indeterminado de uma fase de evolução: Quando as formas não se distinguem ainda, ou quando as formas antigas que estão desaparecendo ainda não foram substituídas por formas novas [...]” (CHEVALIER, 2016 p. 634). Num outro sentido, simboliza a “mescla” de água e de fogo. Assim, ao aproximarmos os dois significados da forma como a neblina é empregada em *Satolep*, um sinônimo do sentido simbólico do nevoeiro, podemos perceber como o espaço influencia na construção da personagem. O simbolismo do nevoeiro pode explicar a cidade como um lugar misterioso, que não se revela totalmente ao protagonista devido a uma intensa névoa que cobre os espaços e esconde as pessoas. Em relação a Selbor, percebemos o mesmo mistério do nevoeiro, agora, atribuído à personagem, não mais ao espaço. Essa leitura pode ser inferida no fragmento: “A umidade nos leva para dentro de nós mesmos e tenta aí nos prender” (RAMIL, 2008, p.30). Nesse trecho, a condição física do espaço se relaciona à condição psíquica da personagem e podemos perceber a relação do protagonista com o clima do Sul. Essa geografia pode representar o lugar em que ele se reconhecerá pertencente, esse lugar que vem com a intenção de fazer ele se reconhecer dentro de si mesmo. Outra perspectiva que complementa essa visão pode ser extraída do ensaio *A Estética do Frio*, que apresenta a voz enunciativa do músico e escritor Vitor Ramil em sintonia

com a expressão romanesca *Satolep*: “Ao me reconhecer no frio e reconhecê-lo em mim, eu percebera que nos simbolizávamos mutuamente; eu encontrara nele uma sugestão de unidade” (2004, p. 24).

Então, como a neblina, nevoeiro ou névoa estariam representadas dentro desta narrativa e relacionados ao protagonista? Recorremos a trechos que mostravam a atmosfera da cidade, mas agora destacamos passagens que mostram essa mesma neblina no sentido de mistério que envolve o protagonista que, assim como a cidade encoberta pela neblina, também não se revela: “Não menti ao afetuoso João Simões, mas também não lhe contei muito” (RAMIL, 2008, p.44). Em outra passagem do romance, João Simões questiona Selbor: “Mas falando nisso, o senhor me contou de muitas cidades sem contar de nenhuma pessoa, reparou? Que cidades desertas são essas?” (2008, p.64). Nos fragmentos, percebemos que Selbor de fato está envolto em um mistério, não revela nada de si. Em sua trajetória, admira as pessoas, seus amigos, sem estreitar relações, nunca a ponto de se revelar. Isso nos faz refletir sobre as relativizações apresentadas no texto, pois parece que todas as personagens também criam uma espécie de máscara com a qual “se mostram” aos outros, representando a mesma nebulosidade de *Satolep*: “Que garantia têm vocês que a *Satolep* em que vivemos, imersa nessa umidade ilusionista, não é também ela uma ilusão?” (2008, p. 221).

A partir dos argumentos apresentados compreendemos que o espaço e a personagem estão estreitamente entrelaçados. A partir do momento que desvelamos *Satolep*, aprendemos a ver com olhos mais atentos e mais sensíveis esse protagonista tão nebuloso quanto a cidade fictícia envolta por sua névoa e, ao mesmo tempo, tão perfeitamente simétrica, como a simetria a qual Selbor persegue, e encontra no movimento de retorno a sua cidade de origem.

2.1 O espaço da casa e a personagem

Um momento de acolhimento ou reconhecimento que podemos perceber na trajetória de Selbor se dá na escolha da casa, que mais uma vez é apresentada pela voz de João Simões: “No centro? Se for grande o senhor encontrou a casa e local de trabalho. Se, além do mais, for bela, e certamente o é, então o senhor é que foi encontrado” (RAMIL, 2008, p. 70). No trecho, notamos novamente a sensação de pertença ao espaço, esse sentimento que o protagonista vem perseguindo, até

então sem encontrar. Nesse contato com a casa se dá um processo de descoberta, o encontro de si, ou de algo que Selbor até então buscara. Dialogando com os pressupostos de Santos e Oliveira, podemos compreender que a casa se constrói como um espaço físico, particularizado por suas características arquitetônicas, que remetem à cidade de Satolep/Pelotas, mas também como um lugar social que ambienta as relações com outros personagens, que ajudam o protagonista a perceber o espaço como parte de si.

Na descrição da casa, os traços arquitetônicos que são descritos com entusiasmo parecem ajudar o protagonista na busca por sua identidade. No momento em que se relaciona com esse ambiente e com os ornamentos que o compõe, ele passa a ocupar esse espaço dentro da narrativa, a lhe dar sentido e a se reconhecer nele. No trecho abaixo, vemos, inicialmente, uma projeção de Selbor ao imaginar o interior da casa. Outro ponto que podemos destacar está presente no léxico empregado para descrevê-la, pois, de algum modo, a solidez pode representar o que é concreto, o que está geometrizado, o que está organizado dentro de um espaço, metaforicamente, organizando também a vida da personagem:

Dali fui diretamente ver a casa à luz do dia. O tamanho das aberturas e sua altura, extremada por platibanda e compoteiras, sugeriam solidez; os adornos delicados da fachada eram promessa de beleza e bom acabamento; o respiradouro do porão faziam-me imaginar áreas internas e um pátio com caminhos bem cuidados, árvores frutíferas, canteiros de flores e uma gruta. (RAMIL, 2008, p. 71).

O que foi imaginado anteriormente ganha uma confirmação à medida que a narrativa avança. Agora, vemos que as projeções da imaginação da personagem se concretizam no ambiente até então desconhecido e que corresponde exatamente ao que Selbor havia idealizado:

A beleza prometida afirmava-se já no vestíbulo, cujas paredes eram de escaiola até o teto. O cubano gosta de admirar os mosaicos em Satolep. Eu, desde criança, sou fascinado pelas escaíolas. Esse tipo de revestimento, engenhosa simulação do mármore é a cerração das paredes internas da casa, quando as almas das tintas saem a passear. Eu e meu irmão costumávamos nos sentar diante delas. Ele ficava descrevendo os caminhos que um dia íamos seguir, como se aqueles desenhos feitos de geometria e erro fossem mapas do futuro. [...] Mal trocamos os ladrilhos do vestíbulo pelas tábuas corridas da primeira peça e já me imaginei trabalhando nos dois quartos da frente, que se comunicavam por uma porta envidraçada, encimada com vidros coloridos. Se utilizasse a porta lateral do vestíbulo como acesso direto ao meu estúdio, eu poderia isolar aquelas dependências do resto da casa, que usaria como moradia. [...] No pátio,

senhores, estavam os caminhos, as frutas, as flores e acreditem, uma gruta abrigando uma imagem de São João Batista. (RAMIL, 2008, p.72-73).

Inferimos que a descrição das escaiolas, uma técnica de revestimento muito comum nos casarões da cidade de Pelotas, de modo metafórico, assemelha-se ao destino e, como o próprio protagonista afirma, faz lembrar os caminhos da vida, caminhos incertos, que vão com o tempo tomando forma, levando-o a outros lugares. Portanto, assim como as almas das tintas saem para passear “em busca de seu caminho”, ele também o fez, saiu pelo mundo no desejo de se encontrar, ou de encontrar o seu lugar. Aqui, o protagonista é escaiola no mundo. Em contraponto com as escaiolas, destaca-se o mosaico, outro tipo de revestimento caracterizado pela precisão e pela geometria das linhas. Só em Satolep é que a personagem “se torna mosaico”, pois é na relação com os outros que ela tem a possibilidade de encontrar a sua concretude. Assim como afirmam Santos e Oliveira, a personagem existe na sua relação com o espaço e com os outros: “Sinto-me aqui na voragem de um mosaico de pedras regulares rejuntadas sobre luz, silêncio, água e verdor, e que é, a um só tempo, projeção em minha mente e onde minha mente se projeta” (RAMIL, 2008, p. 70).

Podemos compreender as percepções do protagonista em relação ao espaço de Satolep, pois é como se nele Selbor fosse tomando forma, como um mosaico em construção. Como afirmamos, a imagem do mosaico nos remete a ideia das coisas dispostas em seus lugares específicos, alinhadas. Do mesmo modo, a personagem, na sua trajetória de ir e vir, só encontra o seu lugar no retorno ao Sul.

2.2 Satolep em imagens: interrelações entre Selbor e o espaço urbano fotografado

Como é visível para os leitores do romance, *Satolep* se compõe por três narrativas arranjadas: as imagens; os textos curtos dispostos em páginas pretas, que são as descrições das imagens, mas cuja voz enunciativa reporta a outro narrador; e os textos em páginas brancas, a narrativa em si. Em todas as descrições de páginas pretas aparecem vozes em 1ª pessoa que, por essa razão, criam uma ambiguidade com a voz do próprio narrador personagem, Selbor, cujo efeito é exigir do leitor uma participação na construção de sentidos da obra.

Organizado dessa forma, uma das maneiras de se ler este romance é acompanhá-lo pelas 28 fotografias que o compõem, extraídas do álbum de Clodomiro Carriconde, *Álbum de Pelotas* (1922), cuja sequência permite captar *Satolep* também através de suas imagens. É impossível ler esta obra sem buscar dar sentido às suas fotografias, aspecto já constatado por diversos pesquisadores, dentre eles, Luciana Urbim, que afirma: “Sozinhos, texto e imagens, não dão conta da narrativa contida na obra, constituída de inúmeras narrativas, textuais e visuais” (2013, p. 57).

Cada imagem traz ao leitor uma nova narrativa visual, que descreve, através de um olhar sensível, cada detalhe que a compõe. Isso faz com que o leitor volte a imagem e descubra coisas antes não percebidas. Além dos lugares fascinantes desta cidade ficcional, aparecem também pessoas que, na descrição apresentada junto a essas fotografias, mostram mais do que sua imagem, revelam sua alma, suas intenções. Conforme relatou Vitor Ramil em uma entrevista concedida no ano de 1999:

O livro que devo finalizar (...) se chamará *Satolep*, em que escreverei uma ficção para cada foto. As fotografias de 1922, em Pelotas. Ou seja, será um instantâneo para cada instantâneo fotográfico. Na verdade são as minhas velhas fixações de infância, no meu universo de sempre que é o pampa. (RAMIL apud RUBIRA, 2015, p.202)

Assim como descreve o autor, as “ficções” ou descrições das páginas pretas associadas ao conteúdo das imagens impulsionam o leitor a perceber os detalhes, e as palavras expressas no romance instigam a “aprender a ver”, ideia constantemente reiterada na narrativa e que também é desenvolvida por Luciana Urbim da seguinte forma:

Se podem os espaços da casa, por exemplo, representarem um caminho para compreender a alma humana, a cidade também constituiria um espaço capaz de revelar a alma de seus habitantes, como extensão de suas casas. Olhar para ela pode ajudar-nos a conhecer mais de suas almas e, por que não dizer, da alma da própria cidade? (URBIM, 2013, p. 21)

De tal modo, a casa, a cidade e os espaços fotografados se revelam, exigindo que o leitor direcione um olhar atento e que dê sentido a cada imagem captada, ou frase dita por esse protagonista que, ao mesmo tempo que se esconde atrás de suas névoas ou da neblina dessa cidade, tenta se reconhecer no traçado das ruas,

nos detalhes da arquitetura, nos anônimos que povoam suas fotografias e no contato com os outros. Por essa razão é tão importante considerar o que afirma Urbim:

em um primeiro momento, mal se vêem as figuras humanas a posarem junto à construção. O texto ao lado é que, como uma lupa, irá realizar o exercício de aproximação do olhar do leitor à cena, fazendo-o adentrar a fotografia e, dessa forma, reconhecer os personagens envolvidos, bem como o momento descrito pelo narrador. (URBIM, 2013, p. 55).

É a partir dessas perspectivas que começamos a analisar as imagens que seguem. A primeira imagem que ressaltamos aqui (FIGURA 1) é a de uma casa, a fotografia que abre o romance, que constitui a primeira cena registrada pelo protagonista de *Satolep*, Selbor, o fotógrafo:



FIGURA 1

Esta não se trata da casa da personagem, mas em todo momento lhe faz lembrar a morada que viveu na infância, com seus pais, especialmente quando afirma: “[...] porque o sobrado, os pais, o irmão que parte, quase tudo ali possuía seu duplo em minhas recordações” (RAMIL, 2008, p. 99). Nas memórias de Selbor, ele descreve o sobrado onde viveu a infância, com seus pais e seu irmão, sua relação com o irmão, a relação de sua partida com o irmão. A descrição acaba por confundir o leitor com esta primeira imagem do sobrado, que não é sua casa, mas mexe com as lembranças do protagonista, como se fosse sua, faz com que ele reviva nessa

casa a mesma imagem que ele carrega em sua memória, do irmão, da partida, fazendo, num primeiro momento, o leitor identificá-la como a casa do protagonista.

Gaston Bachelard, em *A Poética do Espaço*, discorre sobre a casa e o modo como o espaço atua no ser:

[...] é graças à casa que um grande número de nossas lembranças estão guardadas e se a casa se complica um pouco, se tem porão e sótão, cantos e corredores, nossas lembranças têm refúgios cada vez mais bem caracterizados. Voltamos a eles durante toda a vida em nossos devaneios. (BACHELARD, 2008, p. 27).

Assim como na teoria de Bachelard, podemos notar que a presença deste espaço reduzido, que é a casa, contribui para ativar as lembranças, sobre o lugar da infância, as origens da personagem que, no seu retorno, parecem ressurgir com mais intensidade. Por isso, a associação que Bachelard faz dos cantos e corredores da casa com os refúgios da lembrança reporta às memórias que o narrador protagonista traz de cenas da infância, brincando com as escaiolas e os caminhos incertos, recordações que o narrador-protagonista carrega durante toda sua trajetória. Em outros momentos, no discurso apresentado, o conteúdo parece compartilhar rememorações com o leitor, parecendo ser Selbor a se enunciar para depois romper com essa certeza. Por isso, quando se depara com outra casa com as mesmas características que a sua, ativa essas recordações: “Seguem minhas visões de Satolep em ruínas. Hoje foi minha casa que eu vi: telhado e muro desabados [...] O pai pediu ao motorista que buscasse Selbor, o fotógrafo” (RAMIL, 2008, p.7). Desse modo, o trecho da narrativa de página preta induz o leitor a crer que a descrição procede do narrador personagem, mas logo em sua continuidade percebemos que essa voz não é de Selbor, ele é o sujeito que captou a imagem, e quem fala nesse caso é a personagem denominada “rapaz”, personagem essa que faz com que as três narrativas paralelas se entrelacem.

Outra imagem de grande relevância para uma análise do espaço e a construção da personagem é a fotografia do gasômetro, retratado em uma enchente, mas apresentado pelo narrador das páginas pretas como um lugar líquido, que se torna o espelho da cidade imersa em um grande banhado e, em termos metafóricos, como a expressão da sua própria interioridade.

Na fotografia anterior, percebemos a presença das memórias do protagonista associadas à concretude da casa, mas agora pensamos por outra linha. Assim, o

Gasômetro (FIGURA 2) na imagem seguinte vem sugerir o estado psicológico desta personagem, sem contornos definidos, refletido nessa imagem líquida:

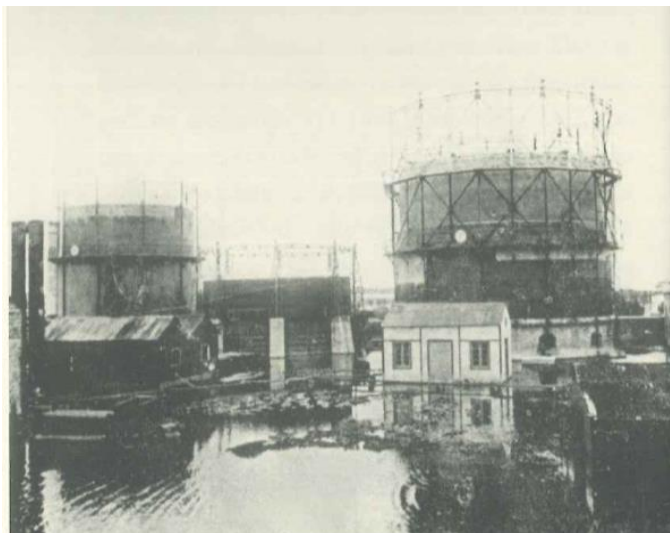


FIGURA 2

O texto que acompanha a imagem, disposto nas páginas pretas, parece uma metáfora do estado de espírito do protagonista: o homem que se desfaz para se refazer novamente no “seu lugar”, esse homem nebuloso que procura solidez e concretude em Satolep. De algum modo, o trecho nos faz recordar do processo de ida e volta de Selbor, pois, primeiramente, ele sai de Satolep em busca de se reconhecer em outros espaços, mas se frustra ao se perceber não pertencente ao Norte:

Eu que vivo no gasômetro, tenho tomado distância de tudo o que é sólido. À margem das formas, sou reservatório de coisas desfeitas [...] no gasômetro as coisas não são sólidas, mas custam a passar[...]. É meu rosto líquido que vejo na poça de chuva esquecida pela terra sob minha janela, rosto de quem quis infinitamente comprimir os fluidos da vida na esperança de guardá-la (RAMIL, 2008, p.33).

Esse trecho parece explorar a imagem do protagonista, um homem que tomou distância de tudo que lhe era sólido, que deixou o seu lugar e foi em busca de si, porém a voz enunciativa que narra o trecho é de uma mulher. Como no gasômetro, onde as coisas custam a passar, na vida de Selbor elas também demoram ou nem passam, pois ele vai e volta, e sua família, sua concretude, resistem como memória e permanecem em seu interior, assim como a solidez e liquidez de Satolep, que permanece em suas recordações.

Portanto, o gasômetro, o lugar que retrata a fumaça, a névoa, a neblina, do mesmo modo que a vida de Selbor, parece formar um lugar coberto por uma nuvem escura, onde não podemos enxergar com nitidez o seu interior. Essa pequena parte de Satolep se caracteriza pela liquidez, assim como toda a cidade e também como o protagonista coberto por uma densa névoa.

Outro espaço da cidade de Satolep que tem uma estreita relação com a personagem Selbor é a Biblioteca (FIGURA 3). Nas páginas pretas, como uma divagação, esse espaço é descrito da seguinte forma: “À noite a Biblioteca Pública não fecha. Não para que os leitores entrem nela a toda hora, mas para que a umidade saia” (RAMIL, 2008, p. 53). Esse espaço onde muita gente entra e sai, mas ninguém permanece, assemelha-se à vida do protagonista, pois suas relações são sempre passageiras, sem criar vínculos. Apesar disso, esse definitivamente não é um lugar que remete a solidão, já que, durante o dia, a biblioteca costuma estar aberta ao movimento da rua, assim como a vida de Selbor, que também não remete à solidão, pois vive na presença constante de amigos.



FIGURA 3

Na descrição desta imagem, a umidade aparece personificada, o que permite estabelecer um paralelismo entre as relações dela e do próprio Selbor: “A umidade em Satolep fez da biblioteca a sua casa” (RAMIL, 2008, p. 53); na sequência, uma voz narrativa complementa essa ideia: “A umidade é intensa e não se apressa. Enquanto se espalha e descansa sobre a cidade” (2008, p. 53); “De agora até o

anoitecer, leitora reservada e voraz, só entre seus livros a umidade de Satolep será outra vez encontrada” (2008, p.53). Esses paralelismos acontecem porque a umidade está dotada de gestos e ações humanas que permitem a aproximação entre o narrador protagonista e ela própria enquanto fenômeno climático. Assim como a umidade transita e lê o interior e o exterior da biblioteca, Selbor repete o mesmo processo nas ruas centrais de Satolep.

A última imagem a ser analisada é a cena da junta médica na secretaria do Instituto de Higiene de Pelotas (FIGURA 4), a penúltima imagem da narrativa das páginas pretas do romance, que expõe a equipe que avalia o estado psíquico do protagonista. Essa cena, muito mais do que o espaço, faz recordar uma frase que várias vezes surge no decorrer da narrativa, “aprender a ver”, o olhar atento da equipe ao avaliar a sanidade mental de Selbor ao relatar sua trajetória, e justificar suas caminhadas:

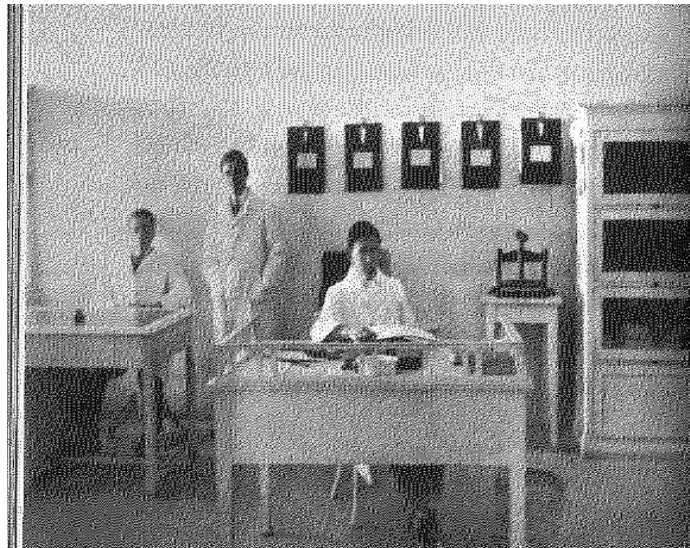


FIGURA 4

Logo em seguida da fotografia, o texto narrado pela voz de um médico, doutor Amarante, traz a descrição da arquitetura de uma casa de Satolep:

Nesse instante a lua cheia deslizava justamente sobre aquela casa na calçada em frente ao teatro, cujo frontão ostenta um anjo de grandes asas entre duas figuras humanas [...] “não pense o pior”, pedi a ele, “a beleza de

Satolep também pode tê-lo abalado profundamente”. “Obrigado, Amarante”, ele falou, “por isso te chamei”. (RAMIL, 2008, p. 279-280).

Esse trecho, além de remeter à espacialidade e sua repercussão na construção da personagem, mais uma vez, dialoga muito bem com a frase “aprender a ver”, pois os detalhes da cena transportam o leitor a um lugar real da cidade de Pelotas, onde muitos de seus leitores já haviam certamente passado, sem analisar a imagem tão detalhadamente.

Encerrando essa seção, retomamos alguns aspectos relacionados às imagens analisadas, aspectos esses que nos parecem de suma importância na construção da identidade da personagem. Nesse sentido, destacamos a casa, o gasômetro, a biblioteca e a junta médica presente no Instituto de Higiene de Pelotas.

De que forma relacionamos esses espaços e a identidade de Selbor? A casa esse lugar íntimo, particular, reporta às lembranças de sua infância, onde o protagonista já traçava, através das escaiolas junto com o irmão, os caminhos que iria percorrer. O gasômetro, caracterizado pela liquidez, nos reporta à vida do protagonista, até então indefinida, na busca de uma concretude. A biblioteca, com sua umidade que a noite percorre a cidade, assim como Selbor, nessa ânsia de correr caminhos e encontrar respostas. Por fim, o Instituto de Higiene, lugar onde o protagonista acaba sendo recolhido para avaliar sua sanidade, este homem que na busca incessante de si, ao olhar dos outros ainda é um ser indefinível, porém só o olhar atento da junta médica é que chega a uma possível conclusão de que Selbor tenha sido abalado pela beleza arquitetônica da cidade de Satolep. O romance deixa no leitor uma sensação de que algo ficou a ser dito sobre esse homem misterioso em uma neblina que não se dissipa. Assim, ao concluirmos a leitura destas imagens, destacamos também o posicionamento de Luís Rubira ao definir a trajetória biográfica e artística de Vitor Ramil:

Pensar sua busca e sua obra, apresentar as suas reflexões. Esses elementos, que podem fornecer uma chave para penetrar em sua arte, não a esgotam. Mais apropriado seria, ao final, reconhecer que a arte de Vitor Ramil é como a linha do horizonte: ela sempre se desloca quando tentamos alcançá-la. (RUBIRA, 2015, p. 251).

2.3 “Cada finalização é um começo”: Percorrer *Satolep* e voltar ao ponto de partida

Na leitura desta narrativa, notamos que ela está estruturada em movimentos circulares muito bem expressos na sua escrita, pois em diversos trechos do livro vemos frases que nos sugerem a circularidade. Ao aludir à geografia, Selbor afirma: “Eu voltava e me via voltando” (RAMIL, 2008, p. 22). Essa frase nos remete ao movimento em espiral, e nela podemos também perceber um círculo que também é a trajetória de vida do protagonista. Em outra passagem, “Um mosaico se faz enquanto é feito. Cada finalização é um começo, cada começo é um recomeço” (2008, p.77), temos outra expressão que lembra essa circularidade e que, de modo metafórico, também remete à vida de Selbor, o homem que, ao deixar o lugar ao Norte onde estava, chega no Sul e tenta recomeçar, busca um novo começo. Na nova busca, ele não vai ao encontro de sua família, como outras pessoas fariam. Ele parte do nada, buscando se encontrar, por outro começo. Além disso, jogos de palavras remetem à circularidade, “À maneira do amor as coisas davam longas voltas, como as palavras. Madrinha que era luz que era madrinha que era luz” (2008, p.159). Nessa passagem, destacamos o uso semântico desse recurso para expressar o sentido dessa presença feminina na vida de Selbor. Outro momento em que essa ideia se destaca é na passagem: “O futuro, vira um passado que permeava aquele futuro e talvez ainda um passado que permeava esse passado” (2008, p. 211). Também, a ideia de círculo reforçada na narrativa: “[...] formando um grande círculo; dentro desse círculo as outras fotografias” (2008, p. 214), círculo de exposição do trabalho do fotógrafo, cuja “trajetória de trinta anos fechava um círculo”. (2008, p.214).

Assim como essa alusão à palavra círculo, ou a construção em espiral que vemos na narrativa, e estas frases com esse movimento circular, é também a metáfora da vida do protagonista, que sai de sua cidade de origem, vai em busca de si, e retorna ao seu ponto de partida em busca de si. Nesta ideia, dialogamos com Rassier (2008, p. 198), que também destaca essa particularidade do romance: “Já nas primeiras páginas o próprio narrador enfatiza que seu retorno à cidade natal

representaria um círculo ou uma espiral, visto que sua origem passara a ser também seu destino” (2008, p. 198).

Esse movimento circular que está presente no texto também se comprova na estrutura do romance, que segue semelhante movimento por ter o fim da narrativa apresentado em seu início. O final da narrativa apresenta o protagonista tendo sua sanidade mental avaliada, o que pode, até certo ponto, passar despercebido pelo leitor, o que faz que nas últimas páginas o leitor volte ao início da narrativa, realizando também um movimento circular, assim como afirma Luciana Wrege Rassier:

Satolep cria ambigüidades e dúvidas que não esclarece, incitando deste modo à releitura. Outras vezes, indícios essenciais à resolução desse quebra-cabeça narrativo levam o leitor a rever suas hipóteses e a reformulá-las. Lembremos a título de exemplo que, a despeito de Selbor assinalar frequentemente seus ouvintes através do vocativo “senhores”, eles são identificados com exatidão somente nas últimas páginas do romance. Trata-se de uma junta médica incumbida de avaliar a sanidade do fotógrafo. (2008, p. 199).

Como já havíamos afirmado ao longo da análise, não reconhecemos Selbor como um louco. Esta, para nós, parece ser uma leitura reduzida porque limita a percepção que temos da personagem, este homem em busca de uma identidade. São a trajetória da personagem, seu reencontro com a cidade, o círculo de amizade que ele constrói nesse reencontro, o seu desejo de permanecer, a afirmação de sua profissão, a admiração pelo espaço rural e urbano, o reconhecimento de ser pertencente a um lugar que fazem com que não aceitemos a loucura como uma única leitura da obra. Selbor, para nós, é um sujeito que, aos trinta anos, no limiar entre a juventude e maturidade, volta os seus passos para o lugar de onde partiu e onde pensa encontrar suas respostas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Damos início as nossas considerações finais com a reflexão de Mercer, citado Hall (2011, p.9), de que “A identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza”. Esta afirmação parece impulsionar o movimento de Selbor.

No primeiro capítulo apresentamos Selbor como um sujeito com a identidade em processo de construção, um ser com uma crise de identidade, que necessitava voltar ao seu ponto de partida para descobrir quem ele realmente era, que sentia uma necessidade de se definir, para alcançar a maturidade. Foi no movimento de retorno e com a ajuda dos amigos que o protagonista se percebeu parte da cidade. Assim, compreendemos que pensar Satolep significava pensar Selbor, o homem que ao chegar à cidade aos poucos reencontrou sua identidade pessoal e cultural.

Na primeira parte do segundo capítulo, chegamos à conclusão de que Selbor só encontrou a concretude, a solidez tão procurada por ele em Satolep. Os lugares, o clima, a névoa que cobria a cidade, pareciam expressar o mesmo estado de espírito da personagem e isso fez com que ele se colocasse em contato com suas “próprias estações”, ou seja, se reconhecesse pertencente à cidade antes deixada para trás.

No segmento do segundo capítulo, demos sentido à importância da casa, um espaço reduzido e internalizado pela personagem que, ao mesmo tempo em que o acolheu, ensinou-lhe através da arquitetura, das escaiolas, os caminhos da vida, que fez o protagonista imaginar desde a infância os caminhos a percorrer. E mais uma vez aqui ressaltamos a presença dos amigos na trajetória de reencontro e de descoberta de Selbor.

Na sequência, destacamos a importância das imagens para a narrativa e reconhecemos que, assim como já apontado por outros estudiosos, texto e imagens realmente se complementavam em nossa análise. Por isso, selecionamos quatro fotografias que ajudavam a compreender a trama, a personagem e o espaço retratado. A fotografia parecia expressar as imagens de uma Satolep desconhecida pelo leitor, a intenção de “ensinar ou aprender a ver”. Desse modo, como leitores, cada vez que passávamos pelas fotografias e recorriamos ao texto para analisar a

imagem, os detalhes com que elas eram descritas, esse texto funcionava como uma “lupa”, como afirmou Urbim, aproximava-nos como leitores das cenas fotografadas.

As imagens que escolhemos para destacar neste trabalho são as que para nós mais contribuíram para entender o interior da personagem e seu estado de espírito, por isso cabe ainda retomá-las nessa finalização do nosso estudo. A casa, que remetia à morada da infância, a casa impressa na memória de Selbor; o gasômetro o lugar alagado e encoberto por uma névoa, assim como a vida do protagonista; a biblioteca, com a umidade personificada a andar pelas ruas assim como Selbor; e, por fim, o interior do Instituto de Higiene de Pelotas e a cena da junta médica que avalia a sanidade do protagonista. Esses lugares nos ajudam a ver a conexão entre a cidade e Selbor, permitem que façamos suposições que podem não ser as definitivas, pois a narrativa apresenta complexidades que impedem que se faça isso. Por isso, recorreremos à frase que mostra a “nebulosidade” do protagonista tão semelhante à trama: “Talvez o que as impeça de serem reveladas seja o que o torna uma pessoa interessante, o que qualifica seu trato íntimo” (RAMIL, 2008 p.77). Essa é a sensação de se ler Satolep.

A respeito do protagonista, a leitura que defendemos sobre ele é a de um homem que, para nós, está longe de ser um louco. Talvez por sua sensibilidade no exercício de aprender a ver, como chega a ser constado pelo médico que o avalia, o doutor Amarante, pode ter sido abalado pela beleza de Satolep, fazendo-o viver momentos de devaneio.

Finalizando, constatamos que a estrutura circular do romance fez que, assim como Selbor que realizou o retorno a Satolep, nós, como leitores percorrêssemos o mesmo caminho, sentindo a necessidade de chegar ao ponto final e de recomeçar a de leitura do romance, dessa vez, já apropriadas da tarefa de “aprender a ver”.

REFERÊNCIAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- CHEVALIER, Jean. *Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- NUNES, Geice Peres. *Satolep como um espelhamento da comarca pampiana*. Artigo (não publicado), 2017.
- RAMIL, Vitor. *A Estética do Frio: Conferência de Genebra*. Porto Alegre: Satolep Livros, 2004.
- _____. *Satolep*. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- _____. *Satolep. A Paixão de V Segundo Ele Próprio*, Som Livre, 1984.
- RAMIL, Vitor; SUZANO, Marcos. *Astronauta Lírico. Satolep Sambatown*, Som Livre, 2007.
- RASSIER, Luciana Wrege. *De Pequod a Satolep: identidades em jogo na obra de Vitor Ramil*, 2008. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323127096014>. Acessado em: 20 de janeiro de 2018.
- REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de narratologia*. Coimbra: Almedina, 2002.
- RUBIRA, Luís. *Vitor Ramil: Nascer Leva Tempo*. Porto Alegre: Publicato Editora, 2015.
- SANTOS, Luis Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. *Sujeito, Tempo e Espaço Ficcionalis*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- URBIM, Luciana Pastorini. *O sujeito e a cidade: um mergulho no imaginário de Satolep, de Vitor Ramil*, 2013. Disponível em: <http://repositorio.furg.br/bitstream/handle/1/4859/LUCIANA%20PASTORINI%20URBIM.pdf?sequence=1>. Acessado em: 15 de fevereiro de 2018.